

Le premier vise à réformer ce qui a été détruit par le tremblement de terre de Lisbonne en 1755, et à protéger les intérêts commerciaux du Portugal dans l’océan Atlantique, avec le soutien de son ministre Marquês de Pombal.

Le second aspire à profiter des relations avec les pays européens pour soutenir son orientation vers une nouvelle économie basée sur le commerce extérieur, et signe donc une série d’accords pacifiques avec la plupart des nations européennes.

Le choix était positif, et les deux pays ouvrirent une ère de paix et de coopération constructive, dont les effets directs apparurent sous le règne du sultan Sidi Mohamed Benabdellah, comme en témoignent quelques exemples, et continuèrent jusqu’à présent.

Apresentação do livro “Histórias de Portugal em Marrocos”

Frederico Mendes Paula, Secretário-geral da Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico e Arquitecto da Câmara Municipal de Lagos, responsável pela gestão da Área de Reabilitação Urbana da cidade de Lagos

A História da presença portuguesa em Marrocos acontece num período de grandes transformações sociais, com a emergência de uma burguesia comercial que impulsiona os Descobrimentos, e a expulsão de milhares de portugueses do seu país, Muçulmanos e Judeus, que exportam consigo uma guerra civil que lhes fora imposta pelos Cristãos. É também um período em que a generalização das armas de fogo impõe grandes transformações na arquitectura militar e que as condições de adaptação das cidades de Marrocos ocupadas pelos portugueses estabelecem princípios que influenciarão o próprio urbanismo moderno, sendo Marrocos um verdadeiro laboratório onde se colocam em prática e se desenvolvem os novos conceitos e teorias do Renascimento.

Portugueses e Marroquinos protagonizam histórias de guerra e simultaneamente de paz e de amizade, não apenas entre governantes e elites militares, mas também entre os próprios cidadãos comuns das cidades e aldeias de fronteira. Mas a presença portuguesa em Marrocos está cheia de episódios de guerras travadas entre Portugueses lutando em campos opostos, fossem mouriscos expulsos, cativos convertidos ou renegados voluntariamente assumidos. São inúmeros os exemplos de Portugueses que se tornam mouros no seguimento da sua captura ou fugindo à justiça portuguesa, e encontrando em Marrocos uma alternativa viável para continuarem as suas vidas, constituindo família e exercendo as suas anteriores profissões, ou servindo nos exércitos marroquinos. Do mesmo modo, é comum encontrarmos Mouros que lutam do lado de Portugal contra os seus, fossem mouros de pazes ou de sinal, batedores ou almocadéns convertidos ao Cristianismo.

Este livro pretende relatar alguns acontecimentos, enquadrados no seu contexto, desta Memória Colectiva que tem mais pontos de encontro do que se poderá imaginar. Afinal os vários séculos de História Comum foram tempo suficiente para deixar marcas profundas em vizinhos, cujas vidas e os genes se entrecruzaram em diferentes períodos e nos vários movimentos populacionais que marcaram o relacionamento entre o Magrebe e a Península Ibérica.

L’Histoire de la présence portugaise au Maroc survient dans un moment de profonde mutation sociale, avec l’émergence d’une bourgeoisie commerciale qui dynamise les Découvertes Maritimes, et l’expulsion de milliers de Portugais de leur pays, Musulmans et Juifs, qui exportent avec eux une guerre civile qui leur était imposée par les Chrétiens. C’est aussi une période où l’usage généralisé des armes à feu impose des modifications majeures à l’architecture militaire et où les conditions d’adaptation des villes marocaines sous occupation portugaise établissent des principes qui influenceront l’urbanisme moderne, et le Maroc est un véritable laboratoire où elles sont mises en pratique et se développent les nouveaux concepts et théories de la Renaissance.

Portugais et Marocains sont protagonistes d’histoires de guerre et au même temps de paix et d’amitié, non seulement entre dirigeants et élites militaires, mais aussi entre les citoyens ordinaires des villes et villages frontaliers. Mais la présence portugaise au Maroc est pleine d’épisodes de guerres menées entre combattants portugais dans des camps opposés, soient des mourisques expulsés, captifs convertis ou renégats volontaires. Il existe d’innombrables exemples de Portugais qui sont devenus maures après avoir été capturés ou fuyant à la justice portugaise, et ont trouvé au Maroc une alternative viable pour continuer leur vie, élever une famille et exercer leurs professions antérieures ou servir dans les armées marocaines. De la même manière, il est courant trouver des Maures qui se battent de côté du Portugal contre les siens, soient des maures de la paix ou de signal, des éclaireurs ou des almocadéns convertis au Christianisme.

Ce livre desire rapporter quelques événements, encadrés dans son contexte, de cette Mémoire Collective qui a plus de points de rencontre qu’on pourrait l’imaginer. Après tout, les plusieurs siècles d’Histoire Commune ont été suffisamment longs pour laisser des traces profondes chez des voisins, dont les vies et les gènes se sont croisés à différentes époques et dans les divers mouvements de population qui ont marqué les relations entre le Maghreb et la Péninsule ibérique.

EFEMERIDE DOS 250 ANOS DO ABANDONO DA PRAÇA DE MAZAGÃO

Marrocos, 7, 8 e 9 de Novembro de 2019

Centro Cultural Português de Rabat

Visitas de Estudo a Asilah, Ksar El Kebir, El Jadida e Azemmour



APMCH Associação Portuguesa dos Municípios com Centro Histórico

RESUMO DAS COMUNICAÇÕES

A expansão portuguesa em Marrocos configurações e ritmos

Maria Augusta Lima Cruz, CHAM - Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Professora aposentada da Universidade do Minho

Partindo de uma reflexão sobre a importância de que se revestiu a expansão portuguesa no Norte de África, nos sécs. XV e XVI, na presente comunicação faz-se um apanhado das linhas de força desse movimento expansionista que se traduziu pelo que Robert Ricard caracterizou como uma “ocupação restrita”.

Uma feira descontínua de praças fortes ao longo da costa marroquina (Ceuta, Alcácer Ceguer, Tânger, Arzila, Azamor, Mazagão, Safim e Santa Cruz do Cabo de Guer), isoladas entre si, nas quais foi posta em prática uma estratégia de ocupação dos espaços conquistados na linha do que acontecera no processo da chamada Reconquista Cristã iniciado na Península Ibérica. Por isso, ao contrário do verificado noutros territórios ultramarinos portugueses, nomeadamente na Ásia, aí se incentivou, nem sempre com sucesso, a fixação de colonos acompanhados dos respetivos núcleos familiares.

Por circunstâncias várias, em especial desafios encontrados no terreno, viveu-se nestes enclaves lusos um constante clima de conflitualidade com os vizinhos muçulmanos. Um estado de guerra endémico conducente a um reforço da dimensão guerreira e, logo, ao acréscimo da componente populacional masculina, por via de regra, flutuante.

Por último, duas palavras sobre o projecto imperial que, em última instância, esteve subjacente a este rumo da expansão, o qual acabaria por definitivamente se esfumar no campo de Alcácer Quibir.